

Krachenski, Naiara. 2022. Dominar, Colonizar, Classificar. Colonialismo alemão, fotografia e racismo (1884-1943). São Paulo: Editora Dialética.

SÍLVIO MARCUS DE SOUZA CORREA

Universidade Federal de Santa Catarina
Departamento de História
silvio.correa@ufsc.br

Publicado em meados de 2022, o mais recente livro da historiadora Naiara Krachenski é fruto de sua tese de doutorado no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Paraná (Brasil). Trata-se de uma primeira tese em história escrita em língua portuguesa sobre a visualidade colonial alemã. Outras teses acadêmicas trataram de temas correlatos como, por exemplo, a tese de doutorado no Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro de Anelise Freitas Pereira Gondar, intitulada “Destinos flutuantes, futuros imaginados: por uma História Global da educação colonial feminina alemã na primeira metade do século XX, e defendida em 2018. Assim como Anelise F. P. Gondar, Naiara Krachenski atentou para o envolvimento da Liga Feminina da Sociedade Colonial Alemã com o projeto de império colonial ultramarino do II Reich. Se outros trabalhos já tinham tratado da relação entre o imperialismo colonial alemão e a participação das mulheres (Wildenthal, 2001; Todzi, 2008), o livro da historiadora brasileira inova pela primazia conferida às fotografias como objeto de estudo e fonte visual.

A novidade em termos historiográficos os leitores encontram na abordagem teórico-metodológica da autora sobre os usos da fotografia durante o colonialismo alemão na África. Para escrever um livro sobre as formas de dominar, colonizar e classificar através de fotografias, a jovem historiadora recorreu a milhares delas disponíveis na coleção digital do arquivo colonial de imagens da Biblioteca da Universidade de Frankfurt (Alemanha). Trata-se do acervo da Sociedade Colonial Alemã, a mais importante instituição colonial do II Reich que chegou a ter mais de 40.000 afiliados em 1914. Suas

atividades buscavam despertar o interesse da população alemã pela questão colonial. Também apoiava empresas alemãs no ultramar, prestava vários serviços às famílias de colonos e auxiliava na formulação da política colonial. Produzia ainda material informativo e de comunicação para cultivar o germanismo nas colônias. Com a virada política na Alemanha em 1933, ela foi incorporada à Liga Colonial do III Reich. Dez anos depois, ela encerrou suas atividades. Além de seu rico acervo fotográfico, a Sociedade Colonial Alemã tinha uma biblioteca com milhares de títulos de literatura colonial e um grande número de periódicos coloniais (Correa, 2021:114).

Em seu livro anterior, Krachenski (2016) já havia utilizado fontes visuais da mesma coleção digital alemã. Dessa vez, a ênfase recaiu sobre as fotografias que a historiadora analisou a partir de uma metodologia tributária ao professor da Universidade do Colorado, David Ciarlo, e autor de um livro de referência sobre racismo e cultura visual durante o Segundo Império Alemão (Ciarlo, 2011). A metodologia empregada pela historiadora lhe permitiu trabalhar com grupos temáticos de imagens que remetem a um regime visual colonial alemão. Como ela mesma afirma na introdução, a intenção dessa obra foi justamente “elaborar uma significação histórica do regime de visualidade produzido pela Sociedade Colonial Alemã [Deutsche Kolonialgesellschaft/DKG].” Para atingir tal intento, foram elaborados três grupos temáticos para a análise de imagens do arquivo da DKG. Além de um primeiro capítulo cujo tema é a cultura visual à época do império colonial alemão, os demais capítulos do livro correspondem aos três grupos temáticos, ou seja, a câmera fotográfica que captura a natureza africana e, ao mesmo tempo, domestica a paisagem (colonial) e, por conseguinte, que coloniza e que classifica as gentes africanas.

A partir da análise de fotografias, a historiadora atentou para quem observa, quem opera a máquina fotográfica. Esmiúça a mirada colonial em diversos olhares, isto é, aquele que se apropria, que transforma, que disciplina, que cuida, que revela, que persiste, que fixa e que “ocidentaliza”. Para cada uma dessas atribuições para o poder ótico do colonialismo alemão foi dedicado um subcapítulo.

O livro acaba por extrapolar o período colonial alemão, pois abordou ainda a nostalgia colonial na Alemanha do entre-guerras, a produção e a circulação de certas imagens ainda marcadas pela experiência colonial alemã. Muito embora trate de algumas fotografias publicadas nas páginas da revista ilustrada *Kolonie und Heimat*, a análise não aprofundou o circuito social de muitas delas, tampouco desenvolveu um estudo sobre a narrativa visual da propaganda colonial no discurso desse periódico alemão. Nesse sentido, o trabalho de Catherine Repussard (2015) sobre a ideologia colonial e o imaginário mítico na revista *Kolonie und Heimat* resta uma referência incontornável para quem se interessa pelo órgão independente da Liga Feminina da Sociedade Colonial Alemã, bem como os trabalhos de Lora Wildenthal (2001) e de Kim Todzi (2008).

O último livro de Naiara Krachenski faz parte de uma nova seara dos estudos em cultura visual e da lavra de uma nova geração de historiadores como é também o caso

do livro *À sombra do colonialismo: fotografia, circulação e o projeto colonial português*, de Marcus Vinícius de Oliveira (2021), para ficar em dois exemplos. *Dominar, Colonizar e Classificar* vem suprir uma lacuna nos estudos de cultura visual realizados no Brasil sobre a visualidade colonial alemã. Mas como ensinou Roland Barthes, a fotografia pode ser louca ou sensata. Naiara Krachenski escolheu submeter às fotografias e seu espetáculo “ao código civilizado das ilusões perfeitas”. Espera-se que no seu próximo livro, ela brinde seus leitores com sua análise atilada de imagens que contêm o “despertar da intratável realidade” e que pode-se também afrontar na fotografia (Barthes, 2015: 98-99).

Bibliografia

- Roland Barthes, 2015. *A câmara clara. Nota sobre a fotografia*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Ciarlo, David. 2011. *Advertising Empire: race and visual culture in Imperial Germany*. Massachusetts: Harvard University Press.
- Correa, Sílvio Marcus de Souza. 2021. “As marcas do silêncio em imagens de arquivo.” In *Arquivos & Imagens. Fotografias e filmes*, coordenado por Teresa Mendes Flores, Sílvio Marcus de Souza Correa e Soraya Vasconcelos, 108-135. Lisboa: ICNOVA.
- Gondar, Anelise Freitas Pereira. 2018. “Destinos flutuantes, futuros imaginados: por uma História Global da educação colonial feminina alemã na primeira metade do século XX.” Rio de Janeiro: Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.
- Krachenski, Naiara. 2016. *As colônias alemãs perdidas na África*. Curitiba: Editora Prismas.
- Oliveira, Marcus Vinícius. 2021. *À sombra do colonialismo: fotografia, circulação e o projeto colonial português (1930-1951)*. São Paulo: Letra e Voz.
- Repussard, Catherine. 2015. *Idéologie coloniale et Imaginaire mythique: La revue Kolonie und Heimat de 1909 à 1914*. Strasbourg : Presses universitaires de Strasbourg.
- Todzi, Kim Sebastian. 2008. *Rassifizierte Weiblichkeit. Der Frauenbund der deutschen Kolonialgesellschaft zwischen weiblicher Emanzipation und rassistischer Unterdrückung*. München: GRIN Verlag.
- Wildenthal, Lora. 2001. *German Women for Empire, 1884-1945*. Durham: Duke University Press.

Nota biográfica

Sílvio Marcus de Souza Correa é professor do departamento de História da Universidade Federal de Santa Catarina (Brasil), investigador do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e membro da equipa de investigação do projeto Photo Impulse (PTDC/COM-OUT/29608/2017). Seu interesse científico é pela história dos impérios coloniais (séculos XIX e XX), com publicações na área da história visual do colonialismo em África, com ênfase nas relações entre ciências e impérios coloniais.

ORCID

[0000-0002-0364-6590](https://orcid.org/0000-0002-0364-6590)

Morada institucional

Universidade Federal de Santa Catarina
(Campus Florianópolis)
Centro de Filosofia e Ciências Humanas | CFH
Departamento de História
R. Eng. Agrônomo Andrei Cristian Ferreira, s/n
Trindade, Florianópolis — SC, 88040-900.

Recebido Received: 2022-09-20

Aceite Accepted: 2023-02-15

DOI <https://doi.org/10.34619/mmh-p-gvi9>